

MUDANÇA DE VIDA, EXPERIÊNCIA NOVA (A FASE PROFESSORAL DE OSMAN LINS)

*LIFE CHANGING, NEW EXPERIENCE
(OSMAN LINS' TEACHING PHASE)*

Sandra Margarida Nitrini¹

Resumo: Osman Lins foi professor de literatura brasileira de 1970 a 1976 na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (SP). A visita aos bastidores de sua contratação e de sua inserção acadêmica nos permite captar, dentro do possível, seus movimentos interiores subjetivos (dúvida, entusiasmo, alegria, descontentamento e necessidade de reflexão,) e os conflitos internos do criador que também é professor neste período. O objetivo deste artigo é compreender e delinear o perfil desse escritor-professor, que queria transmitir aos alunos a paixão pela literatura.

Palavras-chave: Osman Lins; escritor-professor; vida acadêmica; paixão pela literatura.

Abstract: *Osman Lins was professor of Brazilian literature from 1970 to 1976 at the former Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Marília. The visit to backstage of his hiring and his academic insertion allows us to capture, as much as possible, his subjective inner movements (doubt, enthusiasm, joy, discontent and need for reflection) and the internal conflicts of the creator that is also a teacher in this period. The purpose of this article is to understand and outline the profile of this writer-teacher, who wanted to transmit to students a passion for literature.*

Keywords: *Osman Lins; writer-teacher; academic-life; passion for literature.*

Com estas palavras Osman Lins respondeu à indagação feita por Hermilo Borba Filho, em carta de 6.11.1969, sobre a possibilidade de vir a ser docente da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) de Marília: “Minha candidatura foi acolhida. Falta o referendo da Coordenadoria, aqui. Uma mudança de vida e uma experiência nova” (BARBOSA, 2019, p.190).

Ao dispor-se a enfrentar, aos 45 anos, já escritor reconhecido e prestigioso intelectual combativo, a profissão de professor de Literatura Brasileira e a viajar

¹ Professora Sênior do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Pesquisadora 1A do CNPq. E-mail: snitrini@usp.br.

semanalmente para Marília, a 440 km de São Paulo, ele iniciava uma nova guerra, que testemunharia e registraria em cartas e artigos.

A visita aos bastidores da contratação de Osman Lins e de sua inserção na FFCL de Marília nos permite captar, dentro do possível, seus movimentos interiores subjetivos (dúvida, entusiasmo, alegria, descontentamento e necessidade de reflexão,) e os conflitos internos do criador e do professor na sua trajetória docente.²

A iminência de sua aposentadoria do Banco do Brasil coincidiu com o período de seleção aberta pela Faculdade para a contratação de um docente de Literatura Brasileira. Estimulado por Nelly Novaes Coelho, professora daquela instituição e integrante do grupo de intelectuais frequentado pelo escritor em São Paulo, Osman Lins concorreu com duas outras candidatas e foi o escolhido pela banca. Num dos trechos de sua carta à amiga Laís Correa de Araújo, de 23.1.1974, assim se exprime: “A Nelly incluiu uma apreciação bastante longa sobre ‘O Fiel e a Pedra’ no seu ‘O Ensino da Literatura’. Posteriormente, estimulou-me muito a candidatar-me à cadeira de Literatura Brasileira em Marília. Daí que começou minha fase ‘professoral’. Sou, como professor, invenção dela”.³

Entre inscrição, concurso e início das aulas, Osman Lins chegou a pedir um afastamento do Banco, tendo sua aposentadoria se efetivado depois de assumir a docência, em 1970. Por um curto tempo, exerceu dupla profissão: a de professor e a de bancário, que tanto detestava e que aturou durante anos, porque o horário do expediente lhe permitia garantir a dedicação à sua obra literária no período da manhã, além de sua própria sobrevivência.⁴ Livrava-se, assim, de um trabalho que lhe era um fardo, e entrava em outro, com a expectativa de que melhores dias viriam em sua nova experiência profissional, além de monetariamente ser mais vantajosa. A esse respeito, assim se exprime a Laís Correa de Araújo:

² A bibliografia sobre Osman Lins inclui capítulos de livros, teses e artigos que tratam de sua “fase professoral”, entre os quais remeto a: Igel (1988); Higuchi (2008); Ribas (2012).

³ Caixa 8, Fundo Osman Lins, IEB-USP.

⁴ Esclareça-se que Osman Lins iniciou seu contrato com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, em regime parcial, o que lhe permitia acumular seus novos compromissos docentes com a antiga profissão.

Devo acrescentar que, financeiramente, a oportunidade também é compensadora. O que deve ser considerado, pois como funcionário do Banco a minha situação não fica muito longe da indigência, uma vez que me recuso terminantemente a assumir qualquer cargo comissionado ou a trabalhar nem que seja uma hora no ano fora do expediente normal (6 horas). Dane-se tudo, mas não cedo. E se não cedi até agora, é que não vou ceder mesmo.⁵

Logo depois de assumir as aulas, Osman Lins apresenta seu projeto de pesquisa para obtenção do período integral. E o fez de um modo inovador ao propor como projeto a criação do romance *Avalovara*, com o título de *A arte de tecer romances*. Proposta aceita por seu supervisor, Antonio Candido, que se refere ao proponente com as seguintes palavras: “Osman Lins é um dos escritores mais ilustres das nossas letras contemporâneas – como romancista, dramaturgo, ensaísta. Acho excelente e renovadora a fórmula de se confiar a um intelectual com esta qualificação o encargo do ensino universitário de uma matéria literária. De tal modo, os estudantes poderão se beneficiar do Professor Osman Lins, assumo prazerosamente a responsabilidade pelo desempenho de seu trabalho”.⁶

No parecer de aceite redigido pela comissão avaliadora, que, além de examinar o projeto, o entrevistou, é ressaltado o interesse da pesquisa a ser realizada em regime de tempo integral, pois contempla *o domínio da criação e o da teoria da criação*. Nessa documentação oficial evidencia-se a expectativa quanto ao perfil singular do novo professor, no que se refere à sua práxis criadora e no que ele pode oferecer aos estudantes sobre teoria da criação, a partir da própria experiência, de modo a contribuir para pesquisas sobre o fenômeno literário.

Três anos depois, atendendo a exigências para se tornar o titular da cadeira, Osman Lins defende seu doutorado, *Lima Barreto e o espaço romanesco*, perante banca composta por Alfredo Bosi (orientador oficial, de fato, interlocutor) Antonio Candido, Nelly Novaes Coelho, Maria Teresa Biderman e João Alexandre Barbosa. A tese foi

⁵ Carta de 22.1.1970. Caixa 8, Fundo Osman Lins, IEB-USP.

⁶ Carta de aceite, OL/MAG/Cx1/P1/01. Fundo Osman Lins, IEB-USP.

redigida em tempo recorde: oito meses, no ano em que, além de ministrar as aulas e manter a correspondência em dia, Osman Lins cuidava da publicação de *Avalovara*, lançado no mesmo mês da defesa da tese.

Na sala de aula

Osman Lins assumiu as aulas em abril de 1970, responsabilizando-se por três turmas, duas do 2º ano (diurno e noturno) e uma do 3º ano (diurno). Antes de apresentar o programa do 3º ano, na sua primeira aula, ele anuncia que dará uma direção diferente daquela seguida por seu antecessor, o poeta concretista Décio Pignatari,⁷ cuja metodologia consistia em apresentar estudos mais ou menos aprofundados de autores isolados. Osman Lins considera esse método válido e tentou organizar um programa que completasse o anterior, mas não conseguiu. Como era de seu perfil procurar sempre saber o que estava fazendo e por quê, e não tendo conseguido descobrir a vantagem de estudar autores isolados, optou por uma visão panorâmica por dois motivos: “o conhecimento deve ser orgânico e as obras literárias resultam de uma personalidade, mas também da tensão com outras obras”.⁸

Não cabe aqui entrar nos detalhes do programa, mas chamar a atenção para o cuidado de Osman Lins de se informar sobre o processo de aprendizagem anterior de seus alunos e revelar-lhes o princípio que rege sua concepção da obra literária, inserida num sistema, princípio que norteará sua docência. No entanto, ele selecionará obras literárias específicas, representativas dos períodos históricos estudados e dos autores escolhidos, que serão analisadas e interpretadas. Assim procedeu também para o programa desse 3º ano e o fará sempre. E nunca deixou de apresentar a biografia dos autores estudados.

⁷ Informação transmitida na comunicação “Osman Lins Professor”, de Sebastiana Lima Ribeiro (V Encontro de Literatura Osmania 2020).

⁸ Esta e as próximas citações e as informações sobre as primeiras aulas de Osman Lins foram extraídas de programas e roteiros das aulas contidos em pasta que me foi destinada em 1989 por Julieta de Godoy Ladeira, para que eu examinasse e estudasse o material para eventual publicação. Ainda sob minha posse, esta pasta será, oportunamente, doada ao Fundo Osman, IEB-USP.

No final do programa apresentado aos alunos do 3º ano, depois de alguns outros lembretes datilografados, escreve à mão:

*Deve-se possuir livros. Por quê.
Distribuir formulários.
Oferecer-me para comprar livros.*

É de se salientar o fato de ele se oferecer para comprar livros aos alunos, já desde a primeira aula, revelando-se generoso e compreensivo com a situação precária de acesso aos livros numa cidade distante de São Paulo. Para compensar essa precariedade, não só oferecerá um curso de artes plásticas aos alunos, como organizará uma excursão cultural à cidade de São Paulo, tendo preparado toda a infraestrutura e movimentado órgãos públicos. Seu trabalho foi imenso, mas na última hora, todos os alunos desistiram. Enfim, Osman Lins entrou de corpo e alma no projeto de formação ampla dos alunos e sobretudo o de despertar neles a paixão pela literatura. Outros cursos extracurriculares foram promovidos para suprir as deficiências dos alunos, como o de composição oral e escrita e o de formação dos professores. E ainda incentivou e promoveu representações teatrais encenadas pelos estudantes, abertas ao público da cidade. Assumiu desde o início o papel de “inseminador” da cultura, de civilizador, coerente com seu entender sobre a profissão de professor (cf. LINS, 1977, p. 97).

Mas voltando para as primeiras aulas de sua vida, as turmas do 2º ano iriam inaugurar seu aprendizado universitário de Literatura Brasileira com ele. No roteiro das aulas, o escritor-professor se estende na explanação da ideia que pretende passar para os alunos sobre Literatura:

Afastar antes de tudo a ideia de literatura como belas palavras, como puro divertimento. É uma sondagem do mundo, feita através da palavra. Um exercício de lucidez. Variável a extensão e a profundidade desse olhar: a sociedade, a condição humana, a alma etc. Mas sempre um esforço para ver e fazer com que os outros vejam. Com este esforço o escritor não alcança ou revela o sentido de TUDO. Ele, ser limitado, um homem, vê ilhas das coisas. Ver um pouco já é ver.

Ao se apresentar para os alunos, assim se exprime: “Estar aqui é consequência de sua atividade no campo da literatura. Uma desvantagem: falar de dentro, sem a distância dos demais professores. Uma vantagem: também falar de dentro, sem a distância dos demais professores. Falar com paixão, de algo estreitamente ligado ao tecido de minha vida”.

Em sua primeira aula, na qual discorreu também sobre o curso e os alunos, afirma que quer que os estudantes aprendam Literatura Brasileira, mas que acima de tudo, quer que amem a literatura. Para que desenvolvam esse amor, tudo ele espera fazer:

Aqui estamos, por uma série de artifícios do destino, frente a frente, para a nossa primeira aula. Mais precisamente: para a primeira aula de minha vida. Teremos pois, diante de nós, um trabalho comum, onde o êxito do professor, em grande parte, dependerá dos alunos, também em grande parte dependerá do professor.

E finaliza sua primeira aula na turma do noturno reiterando a mesma ideia desenvolvida no período diurno com outras palavras:

Uma coisa acima de tudo eu desejaria alcançar: que venham, se já não amam, a amar a literatura e reconhecer nas letras uma das atividades mais nobres do ser humano, uma daquelas através das quais o homem tenta vencer o desconcerto do mundo.

Vamos, pois, como professor e aluno, se possível como companheiros, iniciar esta tarefa comum.

Se, ao fim, conhecerem datas: haverei falhado.

Se, ao fim, amarem os livros e as letras: bem pago

A nova experiência no dia a dia

Com alegria e entusiasmo, diz a Hermilo Borba Filho, em carta escrita em Marília, datada de 14.4.1970, que lá estava na frente de 200 alunos a “ensinar-lhes a amar os nossos escritores [...] Ainda hoje fiz uma exposição sobre o velho Lima Barreto, um dos da linha de frente. Houve alunas que choraram e eu mesmo estava um tanto emocionado, pois a vida desse homem é típica de escritor, do que realiza obstinadamente

a sua obra. Não quero fricotagens toda essa festividade de passar seis meses discutindo um adjetivo. Quero que a turma dê apreço ao trabalho dos verdadeiros escritores” (BARBOSA, 2019, p. 204).

Um mês depois, diz a Laís Correa de Araújo que tem gostado da experiência, apesar de não ser certamente o melhor trabalho para um escritor, mas tem seu *fascínio*, os alunos parecem apreciar suas aulas, ele tenta fazer o melhor que pode, “sem permitir que o romance sofra interrupção”.⁹ Lembrando que na ocasião Osman estava escrevendo *Avalovara*.

Em 3.6.1970, Osman Lins assim responde a essa sua amiga:

Eu estava precisando de um depoimento assim, que me socorresse em minhas dúvidas. O que me diz, em parte, influi na minha decisão: não vou fazer, para os alunos, o tipo de análise que qualquer professor aplicado e razoavelmente inteligente pode fazer. Nada desses esquemas engenhosos e com ares cabalísticos dados em livros. Minhas alquimias são outras. Vou continuar falando como um amante dos livros e como um homem que os escreve. Os atuais professores consideram elementar fazer alguma referência aos autores. Para eles, só existe o texto. Sabe? Na grande maioria, eles não têm paixão pelo autor nem pelo texto. Ocupam-se do texto, porque não podem fazer fantasias com o autor. Vamos para a frente. Go ahead.¹⁰

Essa carta de Osman Lins deixa entrever que ele tinha dúvidas sobre a conduta a adotar como professor e as tinha exposto a sua interlocutora, ainda que desde as primeiras aulas de sua vida já tenha se apresentado como escritor e insistido no seu objetivo maior de conseguir que os alunos amem a literatura. Dúvidas e temor de enfrentar a docência foram compartilhados também com outros amigos, inclusive anos depois, quando se preparava para atuar no programa de pós-graduação e já com experiência na graduação. Eis o que nos diz a esse respeito o saudoso Prof. João Alexandre Barbosa:

Como fazia com tudo em sua vida, ele se preparou adequadamente para ser professor da Universidade. Com muito medo, nos procurou, a mim,

⁹ Carta de 10.5.1970. Caixa 8, Fundo Osman Lins, IEB-USP.

¹⁰ Caixa 8, Fundo Osman Lins, IEB-USP.

ao professor Antonio Candido, ao professor Alfredo Bosi, e me perguntava frequentemente: “Que história essa é de orientar... O que é isso?”. E aí assistiu algumas sessões de orientações de alunos meus. E continuava preocupado: Mas eu não sei orientar... Eu tenho que orientar”. Eu digo: “Como não sabe?... Você é romancista?... O orientador é um pouco psicólogo. Criador de ficções. Você é um romancista, vai acabar sabendo”.¹¹

Retomando sua correspondência com Laís Correa de Araújo, em carta de 1.10.1970, Osman Lins coloca-a a par de suas iniciativas na prática de ensino, inclusive a de dar algumas aulas de teoria literária e lhe fala do andamento do programa e da interferência dos feriados no seu desenvolvimento. Mais especificamente sobre as aulas de teoria literária, diz que às vezes se vê forçado a dar noções dessa matéria, não por deficiência das professoras responsáveis por ela, “mas porque, em virtude da falta de entrosamento, o que estão ensinando nem sempre é aquilo de que preciso para as demonstrações que desejo fazer aos meus alunos”.¹²

Na sua interlocução com essa amiga diletta, deparamos o professor Osman Lins, muito cuidadoso ao se referir às colegas de teoria literária, envolvido com os problemas da docência, com o cumprimento do programa, com a busca do que é melhor cultivar em sala de aula, em prol da boa formação de seus alunos. Enfim, totalmente imerso nos problemas do seu dia a dia na sala de aula. Em contrapartida, nas cartas destinadas a Hermilo Borba Filho, uma outra faceta do professor Osman Lins se evidencia mais: o de divulgador de autores contemporâneos seus. Assim, ele inclui logo nos primeiros programas a leitura da peça *A donzela Joana*, como “isca” com o intuito de atrair os alunos para a leitura da tetralogia do amigo Hermilo. No final do ano, diz que os estudantes fizeram uma leitura bastante minuciosa da peça e lhe anuncia que vai mandar uma cópia do trabalho: “A turma por aqui leva a coisa a sério. E o fato é que eles ficaram

¹¹ “Osman Lins, sua obra e seu contexto”. Depoimento proferido no I Colóquio Osman Lins, para celebrar seus 80 anos, realizado na FFLCH- USP com o apoio do IEB-USP, em 1994. O depoimento foi transcrito para sua publicação no dossiê Osman Lins, na revista *Eutomia*, em comemoração aos seus 90 anos (BARBOSA, 2014).

¹² Caixa 8, Fundo Osman Lins, IEB-USP. As professoras a que se refere são Nelly Novaes Coelho e Odete Penha Coelho.

conhecendo um escritor brasileiro a mais. Acho que foi positivo. Fiquei satisfeito” (BARBOSA, 2019, p.255). Mas também lhe informa sobre resultados desairosos de leituras de sua obra. Numa de suas cartas no final de 1974, informa a Hermilo que vai discutir na sala de aula *O general está pintando*, e lhe diz que foram feitos alguns trabalhos sobre o livro, “todos idiotas” e, por isso, não lhe mandará nenhum deles.¹³

Comenta, entusiasmado, com esse seu amigo, a leitura de seus livros que constam da Biblioteca da Faculdade, cuja compra ele próprio recomendara. Apresenta-lhe a relação do número de leituras realizadas até então, com a indicação da obra e o número de leituras realizadas nos meses. E conclui: “Em 5 livros, você teve só aí 38 leituras. Imaginei que a informação poderia dar-lhe alguma alegria”.¹⁴

Outros escritores contemporâneos foram introduzidos em seus programas, entre os quais Autran Dourado, Ricardo Ramos, João Guimarães Rosa, Dalton Trevisan, Julieta de Godoy Ladeira e Clarice Lispector. Essa estratégia de incluir escritores contemporâneos coaduna-se com a luta que tinha travado em seus artigos dos anos 1960, profundamente críticos aos manuais de literatura do ensino secundário, em prol de uma seleção de autores e obras que tivessem o que dizer aos leitores em processo de formação, que estivessem conectados com o contexto e a realidade, que os mobilizassem para descobrir e olhar o mundo com lucidez, sempre considerando também suas qualidades estéticas.

Suas críticas aos manuais e sua coerência como professor na sala de aula ao incluir autores vivos em seus cursos nos dão a medida de seu compromisso com a literatura, não circunscrita apenas ao zelo obsessivo pelo ato criador, mas também voltada para o cuidado meticuloso com o leitor e com as instâncias mediadoras entre o escritor e o leitor: os manuais e o professor.¹⁵

Em 1972, Osman anuncia no programa para o 3º ano que a cadeira de Literatura Brasileira imprimirá uma nova orientação a seus trabalhos, motivada pela

¹³ Carta de 3.12.1974 (BARBOSA, 2019).

¹⁴ Carta de 17.11.1972 (BARBOSA, 2019, p.348).

¹⁵ E também com as editoras, criticadas nos artigos sobre os manuais de ensino e presentes em seu *Guerra sem testemunhas* (LINS, 1969).

experiência dos dois anos precedentes, que o levou às seguintes observações: “[...] os alunos reagem de maneira mais fecunda, em relação à matéria, quando abordados aspectos técnicos”; “o enfoque histórico atinge-os menos”, e ainda observa “uma acentuada dificuldade, por parte da maioria dos alunos, em compreender certos aspectos do fenômeno literário”, apesar das aulas expositivas, da orientação fora de classes e leituras teóricas. E conclui: “Quer nos parecer que tais dificuldades decorrem de uma falta de vivência do fenômeno literário, visto e estudado sempre de fora, isto é, nunca é praticado...”.¹⁶ O que justifica a inclusão de um eixo criador, a nova orientação. Manteve, no entanto, a apresentação histórica dos movimentos estudados e análise e interpretação de obras representativas de autores significativos dos períodos em questão.

Essa experiência foi tratada por Osman em seu artigo “Oficina alegre e efêmera” (LINS, 1977, p.75-8). Sua metodologia para incentivar os alunos a escreverem contos e peças de teatro é descrita minuciosamente. Resumi-la a empobreceria muito. Mas cabe trazer aqui uma espécie de autocritica feita pelo professor-escritor nesse artigo, ao afirmar que talvez o eixo criador de seu curso para o 3º ano tivesse sido mais oportuno na disciplina de Teoria Literária. Também cabe trazer aqui seu comentário, com laivos de decepção: sua perspectiva de que os alunos não se limitassem às suas sugestões de leitura e fizessem suas próprias descobertas não se concretizou. E pior ainda: poucos autores sugeridos foram por eles estudados. Nesse balanço desponta o germinar de algumas causas da crise de Osman Lins que viriam a desencadear seu aprofundamento em 1975 e seu pedido de demissão no ano seguinte.

Fase incerta e desfecho

A experiência docente de Osman Lins pode ser considerada relativamente tranquila, até 1974, quando se exterioriza seu descontentamento com o meio acadêmico e ele começa a se sentir ameaçado em levar avante o propósito principal de sua vida: o de criador literário. A mudança da sensação de bem-estar de Osman Lins para a de incômodo na Faculdade de Marília deu-se de uma hora para outra, se formos nos basear nas

¹⁶ Programas reunidos na pasta que me foi passada por Julieta de Godoy Ladeira.

informações colhidas de sua correspondência com os amigos. Em carta à sua filha Letícia, de 1972, Osman Lins afirma que não desgosta do magistério, embora o atraso de alguns alunos o acabrunhe (cf. IGEL, 1988, p.82). Mas se detém apenas nessa queixa. E como vimos, prepara e defende sua tese no ano seguinte, indício de que pretendia continuar firme na docência.

Ainda no início de 1974, Osman Lins se mostra feliz com sua situação em Marília, como se pode verificar na carta para Laís Correia de Araújo, de 24 de janeiro, em que se diz prestigiado pela diretora: fez-se representar “de Marília, no lançamento, aqui, do meu romance; obteve que, poucas semanas após a conclusão da tese, a banca fosse aprovada e eu pudesse defender o trabalho ainda este ano”.¹⁷

Mas dois meses depois, em carta a Lauro de Oliveira, manifesta total insatisfação com a atribuição de doze aulas semanais, distribuídas em três dias da semana, em reunião da qual estava ausente. Sente-se injustiçado: é o único professor do Departamento a receber essa carga horária:

Na Faculdade, como eu estava ausente, meteram-me 12 aulas semanais nas costas, e isto em 3 dias da semana. Evidentemente, não vou topar e estou discutindo. Isso leva tempo e não permite que eu estabeleça ainda a minha rotina de vida, o que me perturba e chateia. O curioso é que eu sou, este ano, o único professor do Departamento de Letras nessas condições. Os outros estão com aulas em dois dias e quase nenhum tem 12 aulas. Esta nossa humanidade.... Merece, como diz o Hermilo.¹⁸

Em carta a seu outro amigo, Alexandre Severino, de 11.3.1974,¹⁹ referindo-se a esse mesmo assunto, diz que se encontra “numa fase ainda incerta e se a situação não for solucionada pede a suspensão de contrato”.

E vai acalentando a ideia de pedir uma licença, como podemos tomar conhecimento em sua carta a Hermilo, de 23.10.1974, quando lhe anuncia que está tentando obter uma licença com vencimentos para estagiar na USP: “Se conseguir, vou dar pulos. Poderei consagrar-me durante todo um semestre ao romance” (BARBOSA,

¹⁷ Caixa 8, Fundo Osman Lins, IEB-USP.

¹⁸ Caixa 8, Fundo Osman Lins, IEB-USP.

¹⁹ Caixa 8, Fundo Osman Lins, IEB-USP.

2019, p. 424). À época, escrevia *A rainha dos cárceres da Grécia*. Nessa carta anuncia também que ficará uma semana em Marília porque vai encenar, com os alunos, uma das pecinhas em um ato, *Mistério das figuras de barro*.

Envia para Lauro de Oliveira o programa da peça encenada pelos alunos e comenta que, apesar de tudo ter corrido bem, alguns deles, que participaram da peça, foram mal na prova. E assim se exprime: “Aliás, aqui pra nós, pergunto-me com frequência cada vez maior que diabo estou fazendo, se, em última análise, não faço um papel de mercenário, ganhando para ensinar literatura a uns caretas que dão, como exemplo de poeta e obra romântica, José de Alencar e ‘Senhora’, ‘Primo Basílio’. (Houve quem desse ‘O Gato de Botas’, como obra de Machado de Assis)”.²⁰

A licença foi obtida e Osman Lins fez o estágio na USP, sob a supervisão oficial do professor Alfredo Bosi, no primeiro semestre de 1975. Ele frequentou algumas de suas aulas de pós-graduação, algumas sessões de orientação de pós-graduandos de João Alexandre Barbosa e algumas reuniões da Comissão de Pós-Graduação para se inteirar do funcionamento da pós-graduação, pois fazia parte de um grupo de docentes da Faculdade de Marília, que preparava em conjunto com colegas de outros institutos isolados do estado de São Paulo - Assis, Araraquara, São José do Rio Preto e Franca - a instalação de um programa de pós-graduação de Letras. As atitudes de Osman Lins até esse momento, em meio a toda essa situação complicada, indicam que ele não pensava em deixar o magistério de vez, e que nunca abandonou seus estudantes.

No segundo semestre de 1975, ao retomar suas aulas, faz uma pesquisa com cem alunos para averiguar seus conhecimentos gerais sobre literatura. O resultado da pesquisa expôs o estado de calamidade intelectual e literária de alunos. Abalado com esse panorama desastroso, Osman Lins decide solicitar uma licença de trinta dias a ser usufruída ainda no segundo semestre de 1975, para refletir sobre isso, afastado do meio acadêmico. Por motivos burocráticos e a pedido da própria instituição, retira a solicitação da licença e entra com um pedido de suspensão de contrato de 180 dias para o ano seguinte.

²⁰ Carta datada de 26.11.1974. Caixa 8, Fundo Osman Lins. IEB-USP.

Publica o resultado dessa pesquisa no artigo “Reflexões sob um quadro negro” (LINS, 1977, p.79-84), em que expõe com todas as letras as incongruências do ensino de Letras no Brasil, no *Jornal do Brasil*, em 24.1.1976. Depois de mostrar a situação calamitosa dos alunos, Osman volta-se para o lado dos “professores, que ignoram a realidade de seus alunos e ministram uma dieta maciça de teóricos aos quais tiveram acesso nas universidades europeias”, em explícita crítica contundente à hegemonia do estruturalismo, que vigia naquela época. Como sabemos, esse tema aparece e é criticado também no seu romance *A rainha dos cárceres da Grécia*, publicado em 1976.

Tendo sido negada a suspensão de seu contrato, decide interrompê-lo, em maio de 1976. Ao justificar na sua carta ao diretor da Faculdade seu pedido drástico de desligamento, retoma as razões que já vinha apresentando a seus amigos, e expõe com clareza sua profunda necessidade de responder ao dilema, que o perseguia e que havia há algum tempo exteriorizado aos interlocutores diletos de sua correspondência, nas indagações que ele vinha se fazendo, indagações que reproduzo aqui com suas próprias palavras:

Utilizo melhor as minhas faculdades desviando-as, como venho fazendo, para o magistério, continuando a atuar dentro do que me parece, cada vez mais, uma ficção gigantesca, onde minha contribuição se dilui? Ou servirei melhor ao Brasil na minha escrivania, entregue, por enquanto, apenas à minha obra (que, se lograda, será um patrimônio do meu povo) e a provocar, na medida das minhas possibilidades, um debate público e saudável sobre o ensino, em particular sobre o ensino na área de Letras?²¹

Sua opção não poderia ter sido diferente. Ele jamais aderiria a uma situação de logro, como lhe parecia ser o magistério literário, naquele contexto dos anos 1970, em que, em algumas Universidades, as teorias europeias importadas prevaleciam sobre o que era mais importante: a literatura. Na vida de Osman Lins jamais haveria espaço para qualquer outra profissão que viesse a sobrepujar a de escritor. Incompatibilidades entre os novos rumos da Universidade e seu projeto literário levaram a situações de convívio acadêmico insuportáveis para ele e seus pares, com um triste desfecho. Osman Lins

²¹ Carta datada de 21.5.1976, Pasta 5, Fundo Osman Lins, IEB-USP.

procurou cumprir sua parte, com suas *outras alquimias*. Ao que tudo indica, apenas poucos alunos cumpriram a sua. Ao incômodo de tal situação acrescentam-se ainda mal-entendidos entre ele, sentindo-se injustiçado desde a distribuição de aulas no início de 1974, ressentindo-se da falta de interlocução sobre literatura com seus pares e incompreendido pela instituição nos seus pedidos de afastamento de 1975, e seus colegas, sentindo-se traídos, com a publicação do artigo sobre o ensino universitário, entendendo que essas questões deveriam ter sido colocadas entre muros.

Osman Lins optou por voltar para sua escrivania. Infelizmente por apenas dois anos a mais. Deixou inacabado o romance *Uma cabeça levada em triunfo*, iniciado em setembro de 1976. A ele se dedicou até às vésperas de seu falecimento. No hospital, escreveu um diário enquanto pôde. Foi escritor até o fim. Contudo, sua “fase professoral”, apesar do desfecho melancólico, não passou em vão: por seu legado de experiências inovadoras, pela autocrítica ao reconhecer seus desacertos pedagógicos, por seus artigos de combate ao ensino universitário de literatura, e por ter conseguido despertar, pelo menos em parte de seus alunos, a paixão pela literatura.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, João Alexandre. “Osman Lins, sua obra e seu contexto”. *Eutomia*, v.1 n.13, p.164-71, jul. 2014.

BARBOSA, Nelson Luís (Ed.) *E viva a vida! Correspondência entre os escritores Osman Lins e Hermilo Borba Filho*. Edição, notas e comentários das cartas. Relatório final Pós-Doutorado. São Paulo: IEB-USP, 2019.

HIGUCHI, Kazuko Kojima. *Literatura, comunicação e educação*. Um romance em diálogo com a mídia. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

IGEL, Regina. *Osman Lins uma biografia literária*. São Paulo: T.A. Queiroz/INL, 1988.

LINS, Osman. *Guerra sem testemunhas: O escritor, sua condição e a realidade social*. São Paulo: Martins, 1969.

_____. “O verdadeiro preço das apostilhas”. In: _____. *Do ideal e da glória*. Problemas inculturais brasileiros. São Paulo: Summus, 1977. p. 95-8.

_____. “O outro lado do quadro negro”. In: _____. *Do ideal e da glória*. Problemas inculturais brasileiros. São Paulo: Summus, 1977. p.79-84.

RIBAS, Elisabete Marin. *Giz, caneta e papel: literatura e história da arte nas aulas do professor Osman Lins*. São Paulo, 2012. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

RIBEIRO, Sebastiana Lima. “Osman Lins professor”. In: V ENCONTRO DE LITERATURA OSMANIANA – Literatura e Biografia em Osman Lins. Evento online, setembro e outubro de 2020.